

IV

Análise e Valoração da Ideologia

#### NOTAS PRÉVIAS

1 — A última parte deste trabalho será apenas uma tentativa pessoal de formulação da problemática da ideologia e uma aproximação ensaística de solução de parte dessa problemática. O facto de se dar a este ensaio um mínimo, julgado indispensável, de sistematização não significa que se tenha a pretensão de oferecer ao leitor um quadro completo da estrutura do nosso tema.

2 — Vamos tomar para ponto de partida a concepção da ideologia como visão do mundo intensamente tingida de vontade de criação. (Entende-se aqui a palavra «criação» em significado metafísico). Como se viu nas páginas anteriores, parece ser este o conceito que ressalta do acervo algo caótico das noções que nos foram surgindo.

3 — Não insisto na plena validade do processo de redução que ensaiei. Mas isso não põe em causa a legitimidade das reflexões que se vão seguir: levanta apenas o problema de saber em que medida elas se poderão aplicar a esta ou aquela concepção de ideologia.

4 — Até este momento, obedecemos a um critério que se poderá chamar verbal: onde quer que surgisse a palavra «ideologia», íamos ao encontro dela, para ver o que queriam os homens dizer com ela. Desde agora, armados já de um conceito de ideologia, vamos, para trabalhar sobre ele, buscá-lo onde quer que se encontre, esteja ele ou não acompanhado da palavra que nos serviu de guia. Seguimos, portanto, um critério conceptual.

5 — Isto não quer dizer que vamos proceder sistematicamente a um inquérito, ou devassa, que nos habilite a assinalar todos os disfarces verbais ou conceptuais sob que se acoite este quase fogo-fátuo que saltita e se esvai... Quer apenas dizer que, sempre que o fio da reflexão nos leve para fora daquele sereno rincão em que o conceito repousa na palavra e a palavra no conceito, essa pequena aventura não deve perturbar-nos: é ainda a Ideologia que nos acompanha.

6 — Por vezes, a palavra «ideologia» será usada em lugar da expressão «mentalidade-ideológica», que seria mais apropriada. Em rigor, uma coisa é a ideologia; outra, a mentalidade-ideológica. A mentalidade-ideológica é una. A ideologia apenas em abstracto é una. Por mais opostas que sejam duas ideologias, a mentalidade ideológica dos que professam uma tem praticamente as mesmas características da daqueles que professam a outra. Pode-se no entanto dizer que a mentalidade-ideológica não é senão uma forma geral das ideologias, que apenas pela *matéria* são necessariamente distintas umas das outras.

7 — Chamo também, por vezes, *ideologia* à filosofia, ou humanismo, que, subjacente a qualquer ideologia, a fundamenta, ou que seria preciso supor para a explicar racionalmente.

#### A — ESTRUTURA PSICOLÓGICA DA IDEOLOGIA

1 — Em que consiste uma ideologia, como fenómeno psíquico?

a) *Ideologia e conhecimento.*

A ideologia não é, fundamentalmente, conhecimento. Não é a síntese da acção do objecto sobre o sujeito e da reacção assimiladora deste sobre aquele. Pode conter — contém mesmo necessariamente — elementos do real, e portanto elementos cognitivos; mas por uma necessidade extrínseca. Em si mesma — quer dizer, por aquilo que a faz ser o que é —, a ideologia é alheia ao real. senão oposta a ele.

Isto parece válido mesmo para o caso da concepção marxista. A dificuldade está em que, para Marx e Engels, a ideologia parece ser uma ideia determinada pela realidade, embora se apresente como se fosse independente da realidade. Vistas bem as coisas, porém, o que dá à ideologia (burguesa) o seu carácter ideológico não é a relação positiva com o real, mas sim a relação negativa: porque o real que a gerou já não é real, ou pelo menos, já não é o real da hora histórica, o real ungido pelo Kairos.

b) *Ideologia e pensamento.*

Não sendo, em si mesma, conhecimento, a ideologia pertence certamente à categoria *pensamento*. Mas em que sentido é pensamento?

Há um modo pessoal e um modo impessoal de pensar. Pensar como quem descobre; ou pensar como quem aceita e repete. A ideologia, enquanto pensamento, pertence mais ao tipo de pensamento impessoal, que ao de pensamento pessoal.

A confirmar o que fica dito, note-se que ninguém, ao que parece, chama ideologia a uma «doutrina» que seja criação sua. É próprio da atitude ideológica a *aceitação* de um pensamento, a adesão a um pensamento. É conscientemente que essa adesão se dá; é conscientemente que esse pensamento é recebido de outrem.

### c) Ideologia e ideia.

O destino da palavra «ideologia» está inelutavelmente preso à palavra «ideia». E, na verdade, a ideologia é, antes de tudo, *ideia*.

Mas em que sentido é ideia? No sentido aristotélico? No sentido hegeliano? No sentido marxista?

O que se disse da relação *ideologia-conhecimento* afasta a ideologia da ideia aristotélica, simples expressão intelectual do objecto.

A ideologia assemelha-se mais à ideia platónica, na medida em que é um modelo, um *exemplar* do que há-de existir.

Também com a ideia hegeliana, que é o Real considerado no seu processo de crescimento, mantém a ideologia relações positivas, já que está animada de movimento fatal e tende à absorção do que se lhe opõe.

Mas é talvez com a ideia tal como surge na teoria tomista dos «universais», que a ideologia maiores afinidades tem: também ela existe *ante rem*, *in re* e até *post rem*: como exemplar do que há-de ser, como essência do que é, e, em certa medida, como expressão intelectual do ser, momento psicológico posterior ao momento ontológico.

Por estranho que pareça, é de algum modo mediante a teoria tomista que a teoria marxista das ideias (idealismo corrigido por um realismo mais tradicional que filosófico, em boa parte explicado pela presença inconsciente do Tomismo na mentalidade europeia) se vem a relacionar com a ideologia. Como esta, a *ideia* marxista resulta de condições reais e, por sua vez, reagindo, contribui para que surja nova realidade.

Com isto, porém, fomos afinal levados para um campo que só em pequena medida é *psicológico*. Efectivamente, se a ideologia é ideia no sentido platónico, ou no sentido hegeliano, ou em certos sentidos da visão tomista e da visão marxista, ela já não é fenómeno psíquico: é a própria *Psyche*, ou mais do que isso.

Olhada de certo modo, porém, a ideologia é ideia em sentido psicológico. Ou, pelo menos, é exprimível em ideias; olhada à superfície, é um conjunto de ideias.

2 — Na ideologia sobressaem dois elementos essenciais:

- 1) afirmação
- 2) tendência;

o primeiro, formalmente, ou intencionalmente, cognitivo; o segundo, predominantemente activo. A ligação entre ambos é feita por um terceiro elemento, geralmente mais oculto — aquele «amor», de que falou Schumpeter, capaz de transformar em credo um simples modo de ver.

Há que pôr o problema da origem desse amor: nem sempre o que mais se afirma é aquilo que mais se ama <sup>104</sup>.

3 — Será toda e qualquer ideia susceptível de se transformar em ideologia?

a) Há-as que claramente o são: a ideia de Liberdade, ou a de Poder, por exemplo; também a ideia de Homem, ou a ideia de Deus (se a desprendermos do próprio Deus). Mas há ideias como que passivas, ou inertes. A ideia de Número, por exemplo.

Que será então preciso para que uma ideia se transforme em ideologia? — É preciso que tenha alguma coisa que ver com o homem.

b) A ideologia é um sistema, ou pseudo-sistema, de ideias. Mas sistemas de ideias são também as ciências (enquanto conheci-

<sup>104</sup> Cf. o passo de Renan: «On n'est martyr que pour les choses dont on n'est pas bien sûr». (*Nouv. ét. d'hist. relig.*, pág. VII; cit. por Sorel, *Réflexions sur la Violence*, pág. 37).

mento sintético e organizado); e no entanto não há ideologias físicas, matemáticas, ou botânicas. Não há ideologia que não diga respeito ao homem. Mas não basta que um sistema de ideias tenha o homem por objecto, para ser uma ideologia. É preciso que o homem esteja ali tomado como ser social: quando não como ser colectivo, ao menos nas suas relações sociais.

c) Nem todos os sistemas de ideias que têm por objecto o homem-social são ideologias. Todos nos recusaremos a chamar ideologia à Antropologia Cultural, à Psicologia Social, à própria Sociologia ... Falta a estas disciplinas o carácter normativo, ou a pretensão de normatividade. Não se dirá, no entanto, que a Moral é uma ideologia. Mas, se o não é a Moral constituída como disciplina filosófica de base metafísica e de teor mais ou menos escolástico, já pelo contrário o podem ser, ao menos em larga medida, os diversíssimos sistemas éticos que são, fundamentalmente, *Moral de uma ideia*. E, no fim de contas, a ideologia entra, de algum modo, no âmbito da Moral *lato sensu*.

d) Não é característica da ideologia a humilde busca do *real*, mas sim a manifestação impetuosa do *ideal*. Ao real quer-se impor um certo ideal, para que o real se adapte, ou melhor, se transforme, no ideal; ou seja, vendo pela outra face as mesmas coisas, para que o *ideal se realize*.

4 — Não há ideologias inconscientes. Toda a ideologia é consciente. O que pode ser inconsciente é a relação que a ideologia que se professa porventura mantenha com o *interesse* (próprio ou alheio). Quer dizer: é perfeitamente normal que *eu* tenha a *minha* ideologia como ideal, sem ver que ela é apenas um ideal-instrumental. Só na medida em que se considere que *ideologia* é o mesmo que *ideal-instrumental* se poderá dizer inconsciente a ideologia que não for conhecida como tal pelo sujeito que a professa. Apenas nessa medida.

O problema subsiste, no entanto; agora sob esta forma:

Pode ou não haver comportamento determinado, ou provocado, por uma ideologia, sem que o sujeito desse comportamento

tenha a consciência dessa ideologia — ou melhor: dessa ideologia *como sua*, como sendo a ideologia que ele próprio segue?

Posta nestes termos; a questão parece dever ter resposta positiva.

5 — A ideologia equivale a uma atitude perante a vida, e inclui uma espécie de *aposta*, ou de *jogo*.

O ideólogo empenha a sua palavra numa afirmação cujo conteúdo e cuja validade ele não vai buscar à experiência, mas crê que a experiência há-de algum dia confirmar.

Mas na ideologia não há apenas a *aposta*. Há também um princípio de acção — o esforço tendente ao *ganhar da aposta*.

6 — Qual o significado preciso desta afirmação que tantas vezes se faz: — por detrás de qualquer atitude humana *está um pensamento?*

Três espécies de problemas põe uma proposição deste tipo:

I — *Que atitudes?*

Actos humanos? Simples factos humanos?

Casos isolados? Hábitos? Modos de ser?

II — *Como está por detrás?*

Conscientemente? Inconscientemente? Como razão suficiente? causa final? causa exemplar? causa eficiente?

A título pessoal? A título impessoal? Ou simplesmente como *significado*, quer dizer: como equivalente mental da atitude? (Note-se que não se trata apenas do conhecimento da atitude, sua simples expressão intelectual, mas sim do princípio a que a atitude, ou obedece, ou obedeceria — se obedecesse a um princípio).

III — *Que espécie de pensamento?*

Além dos problemas já esboçados imediatamente atrás, há ainda que pôr o problema de o pensamento ser ou não ser ideológico.

7 — O estudo da mentalidade ideológica seria vantajosamente completado com o estudo do *comportamento ideológico*.

Pode-se investigar do comportamento ideológico a partir de

uma ideologia dada, ou investigar da ideologia a partir de um comportamento supostamente ideológico.

Em ambos os casos é preciso estar atento ao risco de ilusão: é demasiado cómodo atribuir a toda a ideologia um comportamento e a todo o comportamento uma ideologia.

Em seguida se oferecem à análise dois factos, extremamente diversos e distantes, em que a mentalidade ideológica parece directamente responsável pela actuação.

I—O Racionalismo (ou a mentalidade iluminista) do século XVIII leva um jesuíta português — o Padre Estêvão Cabral — a forçar o rio Mondego a conformar-se, através de extensos campos, com o ideal da linha recta: a natureza deve obedecer à Razão. (O resultado foi péssimo ...)

II—Alguns anos depois da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, o decidido anti-comunismo do governo siamês conduz à proibição da cor vermelha, o que, inclusivamente, obriga a alterar as Armas nacionais: o simbolismo da ideia apaga o simbolismo histórico ou tradicional. (A ideologia absorve e invade: tem qualquer coisa da hiper-actividade da célula cancerosa ...) <sup>105</sup>.

8—Para o ideologista, tudo participa ou deve participar da ideologia. A ideologia é como que o último fundamento que garante ou merece a cada coisa a própria existência. O que não for repassado pela ideologia não pode ou não deve subsistir.

Daqui a enorme importância que neste campo adquire o *símbolo*. Porque, se tudo quanto é social deve ser assimilado pelo agente eminentemente determinante que é a ideologia, tudo o que for susceptível de utilização social — afinal, qualquer objecto do mundo físico — deve por seu turno reflectir a ideologia, ser portador dela, receber dela o *carácter*, ou o *carisma*: um novo modo de ser.

Fácilmente se terá presente o fenómeno de *participação* que se deu, nos nossos dias — para não irmos mais longe — com

<sup>105</sup> Cf. o texto n.º 7 de Goetz Briefs no Anexo IV.

coisas tão banais e inocentes como as camisas e as gravatas ... Que era, em 1934, uma gravata azul? Que era, então, uma gravata vermelha? Só aparentemente, ou para espíritos superficiais, elas eram artigos de indumentária masculina. Animavam-nas, no fundo do seu ser, princípios extremamente alheios aos tecidos e às vibrações luminosas, mas capazes de invadir e assimilar panos coloridos ...

Entre a ideologia e o símbolo, está o homem, em que a ideologia vive e prospera. Boa parte da energia ideológica é desviada para o símbolo, e por ele absorvida. Mas com isso não é o homem que ganha, porque o símbolo não é mais que uma expressão da ideologia, adequada à parte somática do homem.

9—A ideologia é o *pensamento* a substituir-se ao *conhecimento*. Aparentemente, é conhecimento profético. Mas, para ser realmente profético, falta-lhe admitir o transcendente, falta-lhe ser *revelação*.

Para mais, só como limite ela tende a ser pré-conhecimento, pré-ciência. O que lhe é próprio não é anunciar o futuro: é forçá-lo a vir.

Mas não tenhamos ilusões ... Com isto, mal se aflora o problema de saber qual das duas relações exprime mais adequadamente a mentalidade ideológica: *há-de ser, porque quero que seja*; ou: *quero que seja, porque há-de ser*.

10—O cúmulo da mentalidade ideológica é supor o Homem — mas o homem colectivo, não o homem pessoal — colocado no centro do Universo, um pouco à maneira do Faraó. Dele partiriam as linhas de força de todos os seres.

Este antropocentrismo global e absoluto não precisa de ser formulado para actuar profundamente na mentalidade humana. Destroí ele simultaneamente a visão personalista, para a qual o homem individual é o agente real da História, e a visão teocêntrica — quer a absoluta, quer a providencialista —, que atribui a um princípio transcendente à humanidade a orientação da História. (Conciliáveis, ou melhor — perfeitamente harmónicas — as teorias personalista e providencialista. Inconciliáveis, as teorias personalista e teocêntrica absoluta.)

11 — Uma das raízes psicológicas da ideologia é o antropomorfismo. A ideologia é uma ideia a que se emprestam características quase pessoais. Uma ideia com vontade própria. Uma ideia que exige respeito. É capaz de acção, e de acção persistentemente orientada num sentido.

É impossível não ligar a este aspecto da ideologia o muito habitual e inveterado princípio do «respeito por todas as ideias». Ao invés do princípio cristão, expresso por Santo Agostinho, — *amar os homens; odiar os erros dos homens* — estabeleceu-se modernamente que são as ideias que merecem respeito.

Este antropomorfismo tem pois a forma especial de um *personomorfismo* particularmente grave.

Se o Homem nos apareceu, na visão ideológica extrema, como centro do Universo, a verdade é que, nessa mesma visão, ele só o é plenamente pelo facto de nele existir a Ideia. A Ideia é que é o centro do mundo: não apenas centro explicativo, interpretativo, mas centro ordenador, e, intencionalmente, criador.

12 — Uma das características da mentalidade ideológica é fazer totalmente solidários o erro-doutrinário e o mal-moral.

Não se esqueça, no entanto, que essa associação, no que tem de artificial — ressalvados já os casos de relação válida —, deriva também da necessidade que temos de revestir de imagens as ideias. Não é apenas uma aplicação do ideologismo.

## B — A IDEOLOGIA COMO ABSOLUTO

Quando se analisassem todos os sistemas de ideias tidos por ideologias, na intenção de destacar os caracteres comuns a todos eles, não se teria ainda dado o último passo na investigação da essência da ideologia. Porque a verdade é que, por alguns desses caracteres, se poderia ainda fazer a ligação entre o mundo ideológico e o mundo não-ideológico.

É então necessário analisar, já não as ideologias, mas esses caracteres comuns, para encontrar qual seja o sinal claro e distinto que, entre todas as coisas, define e revela o *ideológico*.

1 — Já se observou que, em certo sentido, não existem *ideologias*: existe a *Ideologia*, ou a mentalidade ideológica, ou o espírito ideológico — que entra, em maior ou menor grau, na constituição de doutrinas, sistemas, teorias...

Esse «espírito ideológico» é o *monoidéismo*, o totalitarismo de uma ideia.

Nada neste mundo — com excepção da alma de cada homem (e apenas enquanto substância) — pode ser explicado por um princípio único, seja embora um princípio divino. Sempre que se pretenda que uma ideia é a causa total de qualquer ser, está-se a cair no ideologismo. Nisto consiste a essência ou, talvez melhor, o *gêrmen* da ideologia: fazer de uma ideia (e não se exige que seja uma ideia fictícia) o *criador* directo e eminente, necessário e bas-tante, de um ser ou de uma ordem de seres.

Se esse gérmen, abandonado a si mesmo em terreno fértil, atinge o desenvolvimento máximo de que é capaz, então a ideologia será a afirmação de *um só princípio* como *causa total do Todo*.

2 — A mentalidade ideológica é essencialmente imanentista. Onde se der o apelo à transcendência, aí não pode estar a ideologia. Apelar para um princípio transcendente equivale à confissão da heterogeneidade e da heteronomia; equivale à rejeição do monoideísmo.

Daqui resulta que atribuir a Deus — a um Deus transcendente — a criação de todas as coisas não é uma atitude ideológica: em primeiro lugar, porque a transcendência supõe ou inclui o dualismo; em segundo lugar, porque essa afirmação não inclui nenhum elemento activo ou *futural*; não é um programa nem uma profecia; apenas diz respeito à primeira origem dos seres; em terceiro lugar, porque a concepção transcendentista da criação não tem o carácter exclusivista da atitude ideológica: admite ao âmbito da causalidade todos os seres reais; é justamente a única teoria que permite uma visão do mundo segundo a qual cada ser desempenha — ou, pelo menos, é chamado a desempenhar — uma função própria.

3 — A pretensão a ordenar a sociedade por um único princípio, por uma só ideia, constitui a própria essência da ideologia, tomada esta em sentido restrito.

Dois elementos há aqui a destacar:

- 1) o princípio de que a organização e a vida das sociedades são para ser estatuídas pela razão;
- 2) o monoideísmo.

Pelo primeiro elemento, está a ideologia intimamente relacionada com a substituição do Direito Consuetudinário (ou, de um modo geral, do *tradicional* como forma de vida colectiva) pelo Direito «escrito» (ou, de um modo geral, pelo *racional* como forma de vida colectiva).

Quanto ao segundo elemento nuclear da ideologia, manifesta-se ele, nomeadamente, no campo das doutrinas políticas.

Considerando, por exemplo, o sistema clássico dos três princípios políticos — o *monárquico*, o *aristocrático* e o *democrático* —, a atitude ideológica consistirá em eleger um só desses princípios, com exclusão dos outros dois<sup>106</sup>, para proceder ao ordenamento social.

O mesmo se dará quando, em face do princípio da Autoridade e do princípio da Liberdade, tomarmos apenas um deles, negando o outro.

O mesmo, ainda, se pretendermos que toda a organização social deve obedecer ao critério da segurança, ou do bem-estar, ou da honra, ou da abundância, ou da instrução.

Diferente é o caso do Bem-Comum, porque o conceito de Bem-Comum tem uma *compreensão* riquíssima e porque, dizendo respeito ao colectivo, ele próprio se define pelo colectivo, e isso o faz entrar na mesma categoria a que pertence o conceito de bem-singular de cada ser-singular. (Efectivamente: o bem de cada ser está em realizar-se segundo a própria natureza. Que este princípio ou critério seja uno e único — nada tem isso de *ideológico*).

4 — É a vontade<sup>107</sup> — tomada aqui não apenas no seu sentido próprio, mas como o conjunto de forças que directamente desencadeiam a acção humana — é a vontade que determina as ideologias. Apossando-se da ideia, faz nascer a ideologia.

De certo: é perfeitamente normal que uma doutrina se torne acção<sup>108</sup>; quer dizer: seja posta em prática pela vontade. A relação *ideia-vontade, doutrina-vontade*, nada tem de patológico.

<sup>106</sup> Como princípios, isto é: como factores ou agentes; não como simples elementos passivos — o que ninguém nega.

<sup>107</sup> «O credo fascista é um acto de fé heróico no poder da vontade humana activa e consciente. Onde existe uma vontade existe um caminho». (Mussolini, X, 8).

«Pelo que diz respeito ao futuro, seja ele certo ou incerto, uma coisa permanece tão estável como um bloco de granito que não pode desfazer-se nem derrubar-se; esse bloco é o nosso ardor, a nossa fé e a nossa vontade». (Mussolini, X, 123).

<sup>108</sup> Falou Dostoiewski já não de doutrinas, mas de «palavras que possam vir a ser acções» (cit. por R. Goets-Girey *Le Syndicalisme Allemand après la Guerre*, pág. 258).



Acontece, porém, que a vontade tem poder, não só para pôr em prática uma doutrina, mas também para deformá-la, desvirtuá-la, dar-lhe novo significado e diferente valor. É à vontade que pertence permitir ou não permitir que o sopro ideológico penetre e conforme consigo qualquer sistema de ideias: seja ele filosófico, político, económico, religioso ...

A metamorfose, ou transfiguração, de uma doutrina em ideologia dá-se, portanto, menos na formulação, na expressão teórica, do que na *vivência*.

Daqui deriva, ou por aqui se pode compreender, que haja um modo *ideológico* de viver o Cristianismo, embora o Cristianismo esteja muito longe de *ser* uma ideologia<sup>109</sup>; como há também um modo ideológico de *viver* até mesmo um sistema científico. É oportuno recordar aquilo de Schumpeter: «há, inclusivamente, uma ideologia da mentalidade matemática, assim como uma ideologia da mentalidade alérgica às Matemáticas.»<sup>110</sup>

5 — Um caso típico de mentalidade ideológica é o pressuposto marxista de que *tudo* tem uma raiz económico-social; de que a todo o fenómeno de pensamento preexiste um correspondente fenómeno económico-social; de que o psicológico vem depois do sociológico.

6 — É próprio da ideologia conceber e tratar os homens como *massa*. Porque o homem está para a ideologia como a *matéria* está para a *forma*. Só a *forma* dá significado e valor à matéria: só a Ideia empresta significado e valor ao homem individual e ao homem colectivo.

7 — Embora, em certo sentido, se possa dizer que toda a acção política é ideológica (em certo sentido de *acção política*, e em certo sentido de *ideologia*), parece indispensável distinguir entre

<sup>109</sup> É frequente ouvir chamar ao Cristianismo *ideologia*, ou pelo menos ouvir falar de ideologia *cristã* (v. E. Troeltsche, *The Ideas of Natural Law and Humanity in World Politics*, in O. Gierke, *Natural Law and the Theory of Society — 1500 to 1800*, pág. 205).

<sup>110</sup> Trecho incluído no Anexo II, n.º 5.

Estados ideológicos e Estados não-ideológicos. Só o Estado que impõe uma ideologia é verdadeiramente um Estado ideológico, porque, nesse caso, a ideologia entra em relação com o poder soberano, que caracteriza o Estado como tal.

Se de algum modo se puder dizer que um Estado que não impõe uma ideologia aos seus súbditos *tem*, ainda assim, uma ideologia, o que então não parece legítimo é afirmar que esse Estado *é* ideológico. O *ter* e o *ser* não se confundem.

O problema do Estado ideológico não coincide, em todo o caso, perfeitamente, com o problema da acção política (ou governativa) ideológica.

Pode ser ideológica a acção governativa emanada de um Estado e esse Estado não ser ideológico, desde que nem todas as instituições que caracterizam o Estado participem do movimento actualizante a que se chama acção governativa, e, sobretudo, se a suprema instituição do Estado permanecer, numa espécie de zona neutra, independente, não vinculada à acção governativa. Talvez esse fenómeno não possa ser explicado cabalmente sem recorrer à coordenada *Tempo*, que não é apenas *coordenada*, mas tem uma relação mais íntima com o animal-histórico que é o homem.

8 — Toda a ideologia é internacional<sup>111</sup>; quer dizer; é logicamente válida *urbe et orbe*.

Em princípio, portanto, uma ideologia representa, em cada Estado, uma espécie de potência metafísica, que pretende anexar esse Estado. Pode, algumas vezes, acontecer que essa *potência metafísica* seja por seu turno representada por uma *potência física*, que acaso queira o mesmo ...<sup>112</sup>

<sup>111</sup> Cf. o trecho de Lenine: «Os operários não têm pátria: abraçar, na guerra imperialista, o princípio da «defesa da pátria» é trair o socialismo.» (*As Tarefas do Proletariado na nossa Revolução*, pág. 341 da ed. cit.) e o de Jacques Bainville: «Il [Bülow] notait en outre une tendance propre à l'esprit allemand, celle qui consiste à «internationaliser les idées de parti, c'est-à-dire à prolonger ces idées au delà de la frontière.» *Les Conséquences Politiques de la Paix*, 160).

<sup>112</sup> «As tensões de classes, que, situadas, de origem, no plano da política interna, se internacionalizam cada vez mais, mesmo no seio da

9—A ideologia aparece dotada de uma certa universalidade intencional. Essa universalidade, porém, não está tanto na ordem da verdade como na ordem da vontade. Uma coisa só é afirmada na medida em que *serve para ser querida*.

E essa universalidade está também limitada pela ordem do Tempo. É o famoso princípio do *Kairos*; ou, se preferirmos, o princípio, quase equivalente, do Espírito da época. (Não são os homens que definem ou configuram o seu tempo. O tempo é que os define a eles.)

Daqui a gravidade, a que muitas vezes se não atende, da frase já banal: «é preciso sermos do nosso tempo»<sup>113</sup>.

A visão não ideológica deste problema há-de levar a esta conclusão: o nosso tempo, como um dado que nos é oferecido ou imposto, foi (históricamente) forjado pelo tempo passado. Ora o nosso tempo é que espera por nós; não somos nós que temos de nos conformar com ele. (Se é que nós somos *peçoas*: seres efectivamente dotados de inteligência e de vontade, capazes de «actos humanos».)

10—Quando falta um critério transcendente de verdade e de bem, brota das energias espirituais do homem uma espécie qualquer de totalitarismo.

O carácter mais íntimo da ideologia está precisamente em ela ser uma ideia totalizada, uma parcela tomada como todo, um *relativo* arvorado em *Absoluto*. Toda a ideologia é totalitária. O que a condena ao totalitarismo é justamente o que a faz ser ideologia: a ausência de um princípio transcendente. Só o apelo ao transcen-

---

burguesia (grande burguesia) e que — fenómeno novo e terrível — começaram a coincidir, por vezes largamente, com tensões nacionais e políticas. É bem certo que se falou, até com exagero, de «povos capitalistas» e de «povos proletários», e que o bolchevismo procura, com maior ou menor felicidade, conquistar para a sua causa todos os povos ainda «primidos» da Ásia, da América e da África (tendência à intervenção nas outras nações). (M. Scheler, *op. cit.*, págs. 73-4). Cf. F. de Coulanges, *La Cité Antique*, livro V, cap. II, § 3.º.

<sup>113</sup> «(...) o *Zeitgeist* de um período nunca pode ser definido em termos de um sistema único de ideias ou comportamentos mutuamente vinculados (...).» (Schumpeter, *History*, pág. 407).

dente permite a visão de todas as coisas na perspectiva da natureza; porque a natureza é o que foi criado.

Se isto é verdade no domínio da cognição propriamente dita, é muito mais grave no domínio da valoração. Porque, enquanto a inteligência, como faculdade que é do universal, por si mesma cumpre a função iluminadora (que Santo Agostinho atribuía pessoalmente ao Verbo de Deus), já o mesmo não se dá com a intuição valorativa. Toda a classificação dos valores tem de ser hierárquica. E não há hierarquia sem hierarquizador. Só em relação a um valor que não apenas seja Valor Supremo, mas Fonte e Lei de todos os valores, é possível apreciar cada ser como sede de um valor específico. Só assim é possível, igualmente, que a cada ser se atribua um valor *positivo*. Quando, para a avaliação do universo e de cada coisa do universo, em vez de se recorrer a um princípio transcendente, se recorre a um princípio imanente, por mais alto que seja, é fatal a atribuição de valores negativos (com total exclusão dos positivos) a tudo aquilo que não entre no sistema presidido ou regido por esse princípio imanente. E essa atribuição é legítima, sem dúvida, mas apenas na perspectiva do valor relativo que se escolheu para absoluto. É válida relativamente; não é válida absolutamente. E cada homem tem o mesmo direito que o seu semelhante, se se trata de fazer essa suprema e decisiva escolha. Cada homem é então uma espécie de demiurgo, ou de «príncipe deste mundo» ...

Visão das coisas fortemente imbuída de vontade criadora, a ideologia aparece, precisamente, como a Lei que o bel-prazer do «príncipe deste mundo» (tirando a esta expressão o específico sentido evangélico) arbitrariamente estatuiu. E o mundo será então o sangrento campo de batalha dos exércitos mobilizados por cada demiurgo ...

11—A mentalidade ideológica parece representar o espírito maniqueísta: Bem e Mal como princípios simétricos, equivalentes e equipotentes, ambos originários; negação da bondade intrínseca — substancial, substantiva — de todos os seres. Porque onde está a ideologia, está a pretensão a substituir radicalmente uma realidade dada, por uma ideia oposta. (Arrancar, extirpar, aniquilar (termo tão querido à mentalidade ideológica!) uma ordem de coisas total-

mente perversa. Já neste mundo, fazer a perfeita destriça entre o Trigo e o João <sup>114</sup>.

Isto liga-se, por outro lado, à mentalidade que concebe este mundo como definitivo, como *único mundo*, ou pelo menos à mentalidade que vê *este mundo* em continuidade perfeita com o *outro mundo*. Essa noção de absoluta continuidade gera a convicção de que se deve agir, pensar e sentir, *cá em baixo*, como se já estivéssemos *lá em cima*, apenas com diferenças acidentais, derivadas da presença embaraçadora e castigadora de coisas inimigas.

12 — Se, agora, já não considerarmos a ideologia no plano filosófico-humanístico, mas a formos como que fazendo descer a qualquer dos planos em que é susceptível de manifestação, ela irá sempre surgindo, em cada um deles, com a característica essencial do totalitarismo.

No campo da investigação científica, por exemplo, a ideologia revelar-se-á pela aplicação, inadequada ao objecto (mais por vício da vontade que por defeito da inteligência), de um método, de uma hipótese, etc. Levará, frequentemente, ao uso do raciocínio dedutivo quando era a via indutiva que se devia seguir. Fará impor a um complexo real uma lei exterior, em vez de explicitar a lei interna desse complexo.

A ideologia cai então (e, de algum modo, cai sempre) sob a alçada da Metodologia e da Criteriologia.

Com a ideologia como método e mentalidade muito se relacionam certas classificações, sobretudo frequentes em Etnologia e noutras ciências do Homem, que se baseiam na escolha unilateral de um ou outro elemento de um complexo cultural; facilmente se parte dessa abstracção para uma visão demasiado simplificadora das civilizações e das culturas. (Lembro apenas a teoria

<sup>114</sup> Por este lado é bem clara a incompatibilidade entre a mentalidade ideológica e o espírito cristão. O Cristianismo é essencialmente, na sua visão transcendente e definitiva, anti-maniqueu. Que o é em relação à História, logo se pode ver nas sentenças evangélicas: *Não separeis o trigo do joio* (cf. *S. Mat.* XIII 28-30); «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (*S. Marc.* XII 17). Maniqueísmo, Angelismo e Panteísmo fazem-se de certo modo aliados contra o sistema formado por essas duas sentenças.

do Padre Schmidt, que praticamente conduz à *egiptização* do mundo inteiro).

13 — Se a ideologia tem muito de falso, tem também, seguramente, alguns elementos positivos. Entre as suas raízes, mais do que uma mergulha fundo no homem real.

O seu carácter de totalidade corresponde à natural tendência do espírito para a unidade.

O seu carácter *absolutista* harmoniza-se com a necessidade de Absoluto (absoluto Bem, Verdade absoluta) que é própria do ser humano.

A sua qualidade de *guia* (guia da investigação, guia da acção) é uma resposta, em larga medida oportuna e legítima, à inquietação humana, que procura um princípio orientador indispensável. Daqui lhe vem alguma semelhança com a Moral-provisória a que Descartes confiava funções até então exercidas pela Moral tradicional-cristã <sup>115</sup>. E também, num outro aspecto, é impossível esperar pelas últimas conclusões da Ciência ...

Justifica-se, outrossim, a ideologia por aquilo que Louis Rougier chama a «necessidade que tem o homem moderno de dominar as forças naturais e de racionalizar a sua conduta à medida que toma consciência dos factores que a determinam» <sup>116</sup>.

Corresponde ela, ainda, ao que nos homens é necessidade de ideal <sup>117</sup>. Em toda a crítica da ideologia importa preservar o *ideal*, o *normativo*, o *doutrinário*, ainda quando esse *ideal* se não refira intencionalmente a um *real* transcendente. Na medida em que a ideologia contém em si um ideal, compete-lhe um alto papel na

<sup>115</sup> *Discours de la Méthode*, 3.<sup>me</sup> Partie.

<sup>116</sup> Louis Rougier, *Les Mystiques Économiques*, pág. 27.

<sup>117</sup> É oportuno o seguinte trecho de Léon Daudet: «O socialismo nasceu do sonho de ciência e de filosofia que persegue o operário, e que, ao invés do que sucede com o camponês e o marinheiro, nenhuma contemplação do horizonte — Céu, Terra ou Mar — pode satisfazer. Em qualquer nível, sempre uma reflexão, engenhosa ou sábia, suaviza as dificuldades materiais da vida e cura as chagas da miséria, ou as da riqueza. Mas, ao passo que o rico tem maneira de buscar uma derivação — falsa e decepcionante — na comodidade exterior ou no luxo, acontece que o pobre, privado deste recurso ilusório, se dobra sobre esse verdadeiro te-

dignificação ou nobilitação do comportamento social. Nessa medida, a ideologia é largamente defensável e até desejável.

Apesar de tudo, é oportuno fazer duas restrições.

A primeira é que, se isto é verdade, o é apenas na medida em que a ideologia é equivalente a um ideal e não enquanto ela se apresenta como Absoluto, na ordem da Verdade e na ordem do Bem, na ordem da inteligência e na ordem da acção, na ordem do *pessoal* e na ordem do *colectivo*. Por mais que as aparências ainda então lhe sejam favoráveis, não parece legítimo considerar que a ideologia dignifica a vida humana quando directamente provoca a morte como fruto de ódio.

A segunda reserva consiste em que não é inteiramente legítimo afirmar que o que dá *nobreza* à vida humana colectiva é apenas o ideal — por mais alto e belo que seja, por melhor fundamento metafísico que o garanta e o sublime. A dignidade da vida social provém, antes de tudo, de uma dupla fonte ontológica: os homens singulares, eminentemente *dignos* pelo laço originário com o Criador (ou, se quiserem, pela sua própria capacidade e sede de ideal); e o vínculo social, que é, de algum modo, *extensão* da natureza humana.

O ideal, por conseguinte, não é o único dignificador da vida colectiva, nem por si mesmo bastaria para dar à vida colectiva toda a *dignidade* de que esta é susceptível.

---

souro interior que não custa nada, ou quase nada, e que alivia a valer». (*Le Monde des Images*, 21), e ainda as reflexões de Mannheim: «Seria precisa uma insensibilidade que a nossa geração já, provavelmente, não poderia adquirir, ou a ingenuidade de uma geração recém-nascida para o mundo, para poder viver em completa harmonia com as realidades deste mundo, sem elemento algum transcendente, quer em forma de utopia, quer de ideologia (...)» (*op. cit.*, pág. 224) e de Brèthe de la Gressaye: «Les luttes d'idées ne s'éteindront jamais, pour l'honneur de l'humanité» (*Le syndicalisme, l'organisation professionnelle et l'État*, págs. 249-50).

## ANEXO DOCUMENTAL